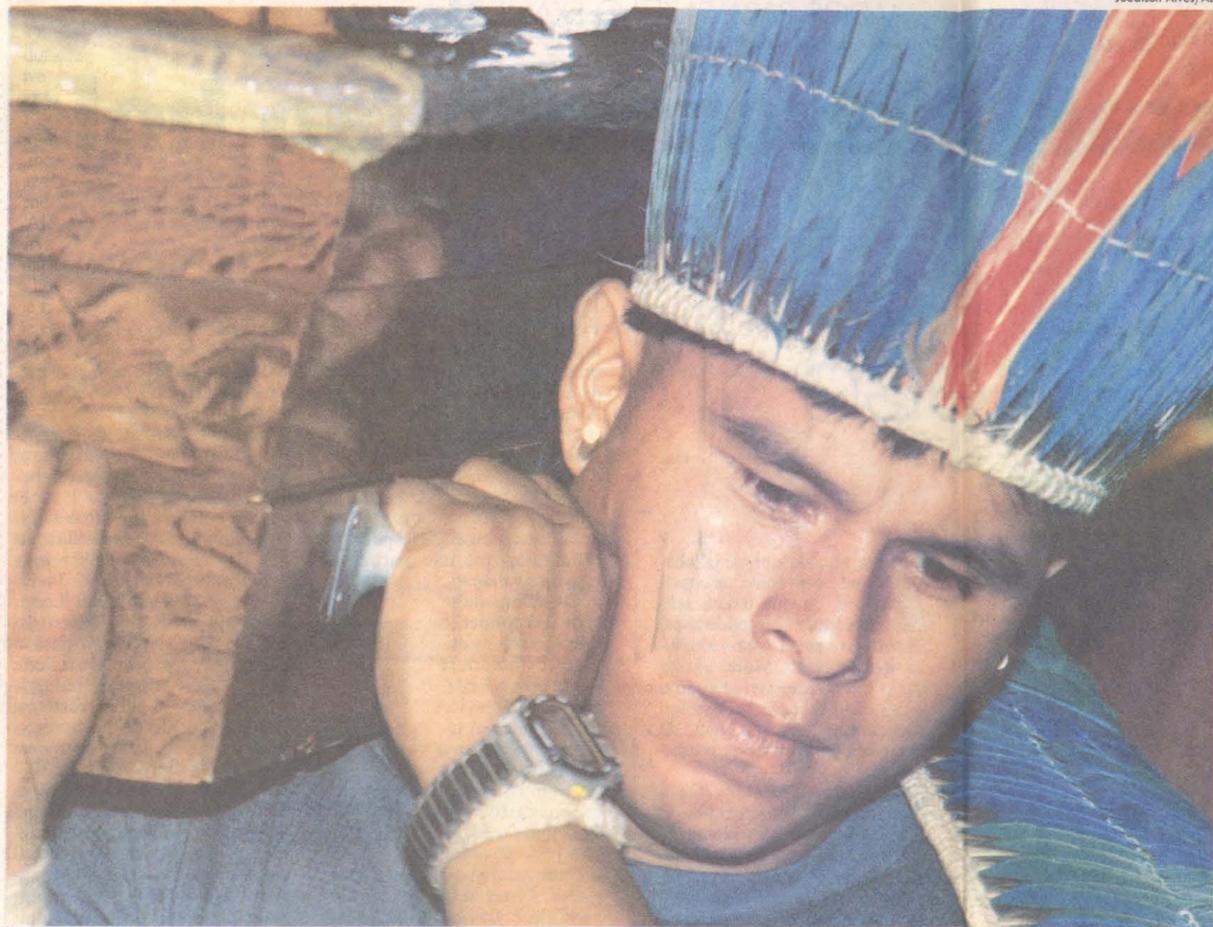


JT
23/4/97 204
Patoxó Hã Hã Hã
521



Índio Patoxó carrega o caixão de Galdino, enterrado ontem no Sul da Bahia: queimado vivo por estudantes



Juvenal e Minervina, pais de Galdino: 11 filhos mortos

Onde fica a aldeia dos pataxós hã-hã-hãe



Polícia investiga premeditação na morte de pataxó

CINCO GAROTOS QUE MATARAM PATAXÓ TINHAM COMPRADO ÁLCOOL NUM POSTO POUCO ANTES DO CRIME

Tânia Monteiro/AE

A polícia trabalha com a hipótese de que foi premeditado o assassinato do índio pataxó hã-hã-hãe Galdino Jesus dos Santos, de 44 anos, queimado vivo por cinco garotos de classe média de Brasília na madrugada de domingo. Ontem, o delegado Waldir Alves de Carvalho, titular da 1ª Delegacia de Polícia responsável pelo caso, disse que está tentando localizar o frentista de um posto onde os jovens teriam comprado dois litros de álcool, pouco antes de seguirem para a avenida W-3 Sul, onde atacaram o índio. "Isso agrava a situação deles, pois caracteriza que o crime teria sido premeditado."



Dois dos acusados receberam visita das mães ontem, fora do dia estipulado

Quatro dos acusados — Antônio Novély de Vilanova, Eron Chaves Oliveira, Thomaz Oliveira Almeida e Max Rogério Alves — estão detidos no Núcleo de Custódia de Brasília (NCB). O menor G.N.A.J., irmão de Thomaz Almeida, está num centro de atendimento a menores.

Além do frentista, o delegado Carvalho quer ouvir Vera Moreti, a dona da pensão onde Galdino estava hospedado, pago pela Funai, e que não o teria deixado entrar porque ele chegou tarde.

Os acusados não foram submetidos a exame toxicológico. A polícia

está pesquisando outros casos de morte recente nas ruas de Brasília (dois mendigos mortos a pauladas e outro queimado vivo.)

Os quatro acusados maiores de idade ainda não saíram da cela em que estão presos, que é equipada com banheiro e chuveiro. Ameaçados pelos próprios detentos de morte ou estupro, os quatro optaram por ficar na cela e fazer lá mesmo as refeições. Dois deles, Max Rogério Alves e Antônio Novély Vilanova, receberam ontem pela manhã a visita de suas mães, embora o dia estipulado para a visita de parentes seja o domingo.

Enquanto isso, o quinto acusado, o menor G.N.O.A., de 16 anos, vem conversando normalmente com os outros internos do Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), onde está recolhido. "Ele não está muito abatido e tem ficado no pátio com os outros meninos, conversando", contou a assistente social Sandra Pimpão.

O inquérito deve terminar sexta-feira e os estudantes deverão ser julgados até agosto. O Ministério Público do Distrito Federal já designou a promotora Maria José Miranda Pereira para cuidar do caso. Os quatro estudantes maiores de idade poderão pegar até 30 dias de prisão. O menor deverá ficar recluso por três anos.

Colaborou Isabel Braga/AE

PAI CHOCADO

Juiz não se conforma com ato do filho

O juiz federal Novély Vilanova Reis, de 46 anos, pai de Antônio Novély, de 19, um dos cinco estudantes que queimaram vivo o índio Galdino Jesus dos Santos, na madrugada de sábado, disse ontem que não vai interferir em favor do filho. "O fato de um dos acusados ser filho de um juiz não é uma atenuante, e a Justiça será feita", disse Vilanova. Abatido, o juiz nega-se a falar sobre sua vida pessoal e sobre o filho, que se encontra recolhido na Penitenciária da Papuda. "Quero que meu filho seja julgado e tenha defesa", disse Novély Vilanova Reis.

Há oito anos, o juiz ganhou notoriedade ao dar ganho de causa a uma ação judicial em favor da ampliação da reserva dos índios lanomamis, em Roraima. "Por ironia, eu decidi uma causa em favor dos índios e anos depois meu filho se envolve em um crime contra um índio", lamentou Vilanova, que não esconde o nervosismo e freqüentemente esconde o rosto com as mãos. Mesmo assim, o juiz trabalhou normalmente na 7ª Vara Federal de Brasília, dois dias depois da morte de Galdino.

Baiano como o índio Patoxó queimado vivo, Novély Vilanova Reis parece não se confor-



Antônio Novély, de 19 anos, filho do juiz federal Novély Vilanova Reis

mar com o envolvimento do filho na morte de Galdino. "Como um pai recebe uma notícia dessa?", pergunta. "Como um pai, que educa seu filho nos melhores colégios da cidade, que lhe dá a melhor educação, recebe uma notícia dessa?", insiste. "Não sou culpado por causa disso, não tenho explicações para isso", disse o juiz.

As primeiras palavras de Novély foram destinadas à família do índio Patoxó hã-hã-hãe. Segundo ele, seu sentimento de pai deve ser parecido com o dos parentes do in-

dió morto. "Quero manifestar minha solidariedade à família da vítima, e acredito que minha dor deve ser igual à dessa família, que também está sofrendo muito."

Tido pelos colegas como um profissional sério e competente, Novély Vilanova não morava com o filho Antônio, que residia na Quadra 715 Norte com o irmão. Sobre isso, Novély recusa-se a falar. "Não falo sobre minha vida pessoal nem sobre meus filhos", diz o juiz.

Edson Luiz/AE

EMOÇÃO E REVOLTA NO ENTERRO

Pinturas de guerra no corpo

O dia ontem foi de revolta e emoção no enterro do índio pataxó hã-hã-hãe, em Pau Brasil, a 550 quilômetros ao sul de Salvador. O corpo chegou às 14h30 à aldeia caramuru Catarina Paraguassu, onde vivem mais de 1,7 mil pessoas. A maioria estava com pinturas de guerra no corpo. Duas representantes da Polícia Rodoviária Federal, responsável pelo cortejo, entregaram flores ao pai de Galdino, Juvenal Rodrigues, de 64 anos. "É muito triste, mas vamos continuar lutando."

Os pais de Galdino, Minervina e Juvenal, estavam muito emocionados. Aos 58 anos, Minervina sofre do coração e já viu 11 de seus 20 filhos morrerem. Seis enquanto bebês, outros três ainda na infância, além de João Cravim, de 29 anos, assassinado numa emboscada por fazendeiros, em 1988. "Não sei o que fazer", disse Genilda, mulher de Galdino. "Quando soube, não acreditei."

Funai

PRESIDENTE ATRASADO

"Do jeito que eles fizeram com meu irmão, se eles viessem aqui nós faríamos com eles a mesma coisa", bradava Marilene, irmã de Galdino. "Dizem que nós, índios, somos selvagens — mas selvagens são eles", acrescentou, chorando muito, Ipê Patoxó, amigo de Galdino. Depois de uma missa católica, celebrada pelo bispo de Ilhéus, dom Mauro Montagnoli, os índios cantaram em torno de um círculo onde foram colocados o caixão e todas as armas da aldeia. Representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra participaram do velório. O enterro foi às 18h. O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, chegou à aldeia por volta das 19h, uma hora depois do enterro. Gaiger disse que uma forma de homenagear Galdino seria apressar a demarcação de terras dos pataxós. E adiantou que poderá começar acelerando o processo de demarcação de 788 hectares, já determinado pela Justiça em dezembro do ano passado.

O cacique Wilson Patoxó e seu vice, Edvaldo, assinaram manifesto de agradecimento aos que ajudaram a localizar os assassinos de Galdino.

Sônia Cristina Silva/AE

Caso em debate nas escolas

IDÉIA DO GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL

Alunos das escolas públicas e privadas de Brasília vão discutir, sexta-feira, os motivos que levaram jovens a queimar vivo o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. A ideia partiu do governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, que assinou um decreto determinando o cumprimento da medida nas escolas públicas. "Será uma aula voltada para a reflexão", argumentou o governador do Distrito Federal.

Ele frisou que é preciso resgatar a ideia de solidariedade entre os cidadãos. "Poucas pessoas seriam capazes de fazer uma maldade como essa de atear fogo em mendigos, mas muitos passam de carro, olham a pessoa dormindo nas ruas e nem se importam", ressaltou. "Somos todos seres humanos e quero que nossos jovens discutam o por quê do

horror e qual o seu compromisso para que a solidariedade volte."

O governador também está organizando um ato ecumênico na frente do ponto de ônibus onde o índio foi queimado vivo. "O ato será comandado pela juventude de Brasília." A praça que fica atrás do ponto de ônibus ganhará o nome de Praça da Responsabilidade. Cristóvam, que recebeu ontem 18 índios de diferentes tribos, também prometeu doar um terreno, no Plano Piloto, para a construção da Casa do Índio.

"Se a Funai não garantir recursos para a construção, vamos obtê-los de outra forma", provocou Cristóvam. Os índios ganharam ainda atendimento especial no serviço de saúde do DF.

Isabel Braga/AE